

SIMÕES DE ASSIS





SIMÕES DE ASSIS

Rodrigo Torres

A Trilha do Esquecido
The Trail of Forgetting

abertura opening

terça-feira, 06 de junho, 18h às 21h

tuesday, june 06, 6pm to 9pm

06.06 - 29.07.2023

Balneário Camboriú

3ª avenida, esquina c/ 3.150, sala 04

88330-260 sc brasil

+55 47 3224-4676

No Rastro da Trilha

A natureza morta foi, por um período crucial da história, considerada inferior aos grandes temas religiosos e políticos que eram desenvolvidos na pintura. Ainda que o gênero já estivesse presente na cultura visual dos egípcios, gregos e outras civilizações da antiguidade, foi na renascença tardia que ele reemerge com força – período em que diferentes estilos começaram a pipocar pela Europa: as vanitas na pintura holandesa, os bodegóns na pintura espanhola, a representação de flores na Inglaterra, entre outros. Essa rica tradição, porém, encontrou resistência a partir do final do século XVIII e início do XIX, quando as academias de arte acabaram classificando os gêneros de pintura em uma hierarquia arbitrária e rígida – a natureza morta foi relegada ao último posto da pirâmide. Acontece que, mesmo diante desse status desfavorecido, a arte moderna surgiu para rebelar-se contra as regras acadêmicas, e os impressionistas e pós-impressionistas (seguidos pelos cubistas, fauvistas e inúmeros outros istas) retomaram o gênero de maneira contundente.

Se, no contexto histórico, a natureza morta está intimamente associada ao suporte da pintura, Rodrigo Torres subverte o gênero para uma mídia inusitada: a cerâmica. A nova série apresentada em “A Trilha do Esquecido” deriva de um longo caminho de experimentos do artista com o material, testando seus limites e esgarçando suas possibilidades físicas. Mesmo que o trabalho com a argila e a porcelana demande uma aceitação da falta de controle total do resultado final – controle esse que seria muito maior usando tela e tinta –, Torres encara e incorpora as vicissitudes dos processos de moldagem, secagem, queima e esmaltação, celebrando os eventuais resultados inesperados. Mas não só isso: para o artista, não basta apenas dominar a materialidade, é preciso também incorrer em insurgências contra eventuais padrões do meio.

As cenas espalhadas por essa mostra foram criadas a partir do interesse de Torres por resquícios de construções e elementos humanos e da natureza encontrados em uma trilha na floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro, onde ele vive e trabalha. Em caminhadas frequentes na mata, o piso da floresta revelava ora um cano de cerâmica, ora um azulejo quebrado ou um pedaço de tijolo – indícios de ocupação anterior em uma área hoje tomada pelas árvores.

Os arranjos artificiais montados sobre uma mesa, posando para a pintura de observação, foram substituídos por esses encontros fortuitos, enfim transformados pelo artista em cenas congeladas sobre painéis de azulejos. Sobre elas, assume um enquadramento que nos coloca no mesmo ponto de vista que ele tinha ao olhar para o chão da trilha. Ao mesmo tempo, ele desloca essa vista parcial e fragmentada para a parede, operando uma retomada da conhecida tradição pictórica, ao mesmo tempo que a modifica inteiramente.

Os painéis criados por Torres, assim, ocupam um lugar limiar, fronteiro: seus volumes tridimensionais não se apoiam no chão, mas residem contra a parede; sua vista frontal volteia nossa percepção em uma mudança de ponto de vista direcionado ao chão; os elementos de cada peça parecem vivos, mas em suspensão animada; e os fragmentos orgânicos e inorgânicos representados são corporificados a partir de um mesmo material. O presente é denunciado pelos copos de plástico de “Refresco de cajú, banho de mangueira, casa de praia”; o passado colonial, nos azulejos cujos desenhos nos lembram a cerâmica Portuguesa em “Lagarta que queima, fogão a lenha, jardim de museu...”; e mesmo a modernidade é sugerida nas cores e formas abstratas de “Dia de Reis, sol do meio dia, Canoa quebrada”. É curioso, assim, perceber como essas ambiguidades nos convidam a olhar de novo, redescobrir as imagens do gênero da natureza morta em outro suporte, transpostas em instantes efêmeros. Na “Trilha do Esquecido”, o que importa não é representar flores, frutos, animais e objetos, mas sim encontrar pequenos vestígios e vislumbres de lugares e tempos que não existem.



Tracing the Trail

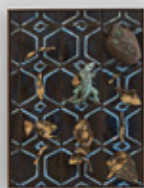
Still life was, for a crucial period of history, considered inferior to the great religious and political themes that were developed in painting. Although the genre was already present in the visual culture of the Egyptians, Greeks and other civilizations of antiquity, it was in the late Renaissance that it re-emerged, stronger than ever – a period in which different styles began to pop up across Europe: the vanitas in Dutch painting, the bodegóns in Spanish painting, the representation of flowers in England, among others. This rich tradition, however, encountered resistance from the end of the 18th and beginning of the 19th centuries, when art academies ended up classifying painting genres in an arbitrary and rigid hierarchy – still life was relegated to the bottom of the pyramid. It turns out that, even in the face of this disadvantaged status, modern art emerged to rebel against academic rules, and the impressionists and post-impressionists (followed by the cubists, fauvists and countless other ists) took back the genre in a celebratory way.

If, in this historical context, still life is intimately associated with the medium of painting, Rodrigo Torres subverts the genre employing an unusual matter: ceramics. The new series presented in “A Trilha do Esquecido” (The Trail of Forgetting) derives from a long path of experiments that the artist carried out with the material, testing its limits and straining its physical possibilities. Even though working with clay and porcelain demands acceptance of the lack of total control over the final result – a control that would be much greater using canvas and paint –, Torres faces and incorporates the vicissitudes of the molding, drying, firing and enamelling processes, valuing unexpected results. But not only that: for the artist, it is not enough just to master materiality, it is also necessary to incur insurgency against possible standards of the medium.

The scenes showcased throughout this exhibition were created based on Torres' interest in the remains of constructions and human and natural elements found on a trail in the Tijuca forest, in Rio de Janeiro, where he lives and works. On frequent walks through the woods, the forest floor would sometimes reveal a ceramic pipe, sometimes a broken tile or a piece of brick – evidence of previous occupation in an area now taken over by trees.

The artificial arrangements mounted on a table, posing for observation painting, were replaced by these fortuitous encounters, finally transformed by the artist into frozen scenes on tile panels. On them, he assumes a framing that puts us in the same point of view that he had when looking at the ground of the trail. At the same time, he displaces this partial and fragmented view onto the wall, operating a renewal of the well-known pictorial tradition, while modifying it entirely.

The panels created by Torres, therefore, occupy a threshold, bordering place: their three-dimensional volumes do not rest on the floor, but reside against the wall; their frontal view rotates our perception in a change of perspective directed to the ground; the elements of each work seem to be alive, but in animated suspension; and the represented organic and inorganic fragments are embodied using the same material. The present is denounced by the plastic cups of “Refresco de cajú, banho de mangueira, casa de praia”; the colonial past, in the tiles whose drawings remind us of Portuguese ceramics in “Lagarta que queima, fogão a lenha, jardim de museu...”; and even modernity is suggested in the colors and abstract shapes of “Dia de Reis, sol do meio dia, Canoa Quebrada”. It is curious, therefore, to perceive how these ambiguities invite us to see and look again and again, to rediscover images of the still life genre in a different medium, transposed in ephemeral moments. In the “Trail of Forgetting”, what matters is not representing flowers, fruits, animals and objects, but rather finding small traces and glimpses of places and times that do not exist.



Maré Baixa, 2022
cerâmica esmaltada
glazed ceramic
53 x 34 x 22 cm
20 ⁶/₇ x 13 ³/₈ x 8 ³/₈ in





Acampamento, Luz Negra, Ibitipoca, 2023
cerâmica esmaltada sobre chassi de madeira
glazed ceramic on wood
75 x 57 x 15 cm
29 ¹⁷/₃₂ x 21 ²¹/₃₂ x 5 ²⁹/₃₂ in



Dia de Reis, Sol do Meio Dia, Canoa Quebrada, 2023
porcelana esmaltada sobre chassi de madeira
glazed ceramic on wood
75 x 57 x 15 cm
29 ¹⁷/₃₂ x 21 ²¹/₃₂ x 5 ²⁹/₃₂ in







Cristalizados no Tempo III, 2023
porcelana esmaltada
glazed ceramic
17 x 20 x 9 cm
6 ⁵/₇ x 7 ⁷/₈ x 3 ⁵/₉ in

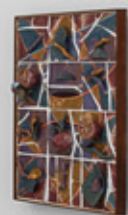




Show de Rock, Vinho Tinto, Lua Cheia, 2023
porcelana esmaltada sobre chassi de madeira
glazed ceramic on wood
75 x 57 x 15 cm
29 ¹⁷/₃₂ x 21 ²¹/₃₂ x 5 ²⁹/₃₂ in









Vovó Preparando o Lanche, Pôr do Sol de Outono, Minas Gerais, 2023
porcelana esmaltada sobre chassi de madeira
glazed ceramic on wood
75 x 57 x 15 cm
29 ¹⁷/₃₂ x 21 ²¹/₃₂ x 5 ²⁹/₃₂ in



Refresco de Cajú, Banho de Mangueira, Casa de Praia, 2023

porcelana esmaltada sobre chassi de madeira

glazed ceramic on wood

75 x 57 x 15 cm

29 ¹⁷/₃₂ x 21 ²¹/₃₂ x 5 ²⁹/₃₂ in





Cristalizados no Tempo II, 2023
porcelana esmaltada
glazed ceramic
20 x 20 x 10 cm
7 7/8 x 7 7/8 x 3 15/16 in



Podres de Rico, 2022
cerâmica com lustre em ouro, aço forjado
ceramic with gold luster, forged steel
40 x 26 x 26 cm
15 ³/₄ x 10 ¹⁵/₆₄ x 10 ¹⁵/₆₄ in







Lagarta que Queima, Fogão a Lenha, Jardim de Museu..., 2023
porcelana esmaltada sobre chassi de madeira
glazed ceramic on wood
75 x 57 x 15 cm
29 ¹⁷/₃₂ x 21 ²¹/₃₂ x 5 ²⁹/₃₂ in



Cristalizados no Tempo I, 2023
porcelana esmaltada
glazed ceramic
25 x 20 x 12 cm
9 6/7 x 7 7/8 x 4 5/7 in



Pé-d'Água, 2023
porcelana esmaltada sobre chassi de madeira
glazed ceramic on wood
75 x 55 x 15 cm
29 ¹⁷/₃₂ x 21 ²¹/₃₂ x 5 ²⁹/₃₂ in









Saíra-Pintor, Minha Madrinha já foi em Marrocos, 2023
porcelana esmaltada sobre chassi de madeira
glazed ceramic on wood
75 x 57 x 15 cm
29 ¹⁷/₃₂ x 21 ²¹/₃₂ x 5 ²⁹/₃₂ in





Vaso Sedimentar, 2023
porcelana esmaltada
glazed ceramic
48 x 24 x 22 cm
18 7/8 in x 9 1/2 in x 8 2/3 in





Rodrigo Torres (Rio de Janeiro, 1981) formou-se em pintura pela Escola de Belas Artes da UFRJ, em 2003. Trabalhou como assistente do artista plástico Luiz Zerbini entre 2006 e 2010. Em 2010, cursou Fotografia no Atelier da Imagem, e participou do Programa de Aprofundamento da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Seu trabalho mescla fotografias, pinturas e cerâmicas que, unidas em uma simbiose, elaboram uma linguagem visual disruptiva.

Torres possui uma exímia habilidade no desenvolvimento da cerâmica. Em suas obras, ressignifica objetos do cotidiano que são amalgamados, fundidos, amassados e retorcidos, subvertendo a percepção e criando silhuetas inusuais. As formas e as texturas são impregnadas de deslocamentos e transformações ilusórias. Vasos, jarras, frutas, legumes e embalagens tornam-se objetos ornamentados, sofisticados, que simulam texturas reais e alternam densidades, volumes e cores.

O artista realiza esculturas que simulam a realidade, desafiando o espectador em uma dicotomia entre o real e a ficção. Assim, os trabalhos ganham tons ambíguos que se equilibram entre o natural e o imaginado. Mais recentemente, Torres vem realizando esculturas de parede nas quais se apropria da estrutura do azulejo. Entretanto, ao fundir os ladrilhos com outros elementos, opera uma alteração de plano, simulando a visão vinda de cima, como um plano plongée. Ao observar o rápido ciclo de decomposição das frutas e ao congelá-las em cerâmica, cristaliza o tempo a partir de um processo geoquímico, tornando-as inertes. Assim, retoma o gênero de natureza morta, mas o ressignifica, tendo o tempo como seu coautor.

Dentre diversas exposições que Torres já realizou, destacam-se as individuais: "Vale da Utopia" (2022), Instituto Artium, São Paulo; "Mr Fusion" (2018), Simões de Assis, São Paulo; "Grana Extra" (2012), Paço das Artes, São Paulo e "m²" (2011), Programa de Exposições CCSP, São Paulo. Também participou das coletivas: "Panta Rei" (2021), Galeria Anna Marra, Roma; "A Luta Continua" (2018), The Sylvio Perlstien Collection, Hauser & Wirth, Nova York; "Window Project" (2017), Spazio 22, Milão e "O Elogio da Vertigem" (2012), Maison Européenne de la Photographie, Paris. Possui obras nas coleções do MAR, Rio de Janeiro; Coleção Itaú Cultural de Fotografia, São Paulo; Coleção José Olympio, São Paulo; Kadist Art Foundation, Paris; e MON, Curitiba. Em 2012, integrou o Programa Rumos do Itaú Cultural e, em 2013, recebeu o Prêmio Itamaraty de Arte Contemporânea. Foi indicado ao Prêmio Pipa em 2011 e 2012. Participou da residência Vermont Studio Center nos Estados Unidos, em 2016.

Rodrigo Torres (Rio de Janeiro, 1981) graduated in painting from the School of Fine Arts at UFRJ, in 2003. He worked as an assistant to artist Luiz Zerbini between 2006 and 2010. In 2010, he took a Photography course at Atelier da Imagem, and participated in the Escola de Artes Visuais of Parque Lage's Development Program. His work mixes photographs, paintings and ceramics, which united in a symbiosis, elaborate a disruptive visual language.

Torres is highly skilled in the development of ceramics. In his works, he resignifies everyday objects that are amalgamated, fused, kneaded and twisted, subverting perception and creating unusual silhouettes. The shapes and textures are imbued with displacements and illusory transformations. Vases, jars, fruits, vegetables, and packaging become ornate, sophisticated objects that simulate real textures and alternate densities, volumes, and colors.

The artist creates sculptures that simulate reality, challenging the viewer in a dichotomy between reality and fiction. Thus, the works gain ambiguous nuances that balance the natural and the imagined. More recently, Torres has been producing wall sculptures in which he absorbs the structure of the tile. However, by merging them with other elements, he subverts the wall plane, simulating the view from above, like a plongée plane. By observing the rapid cycle of decomposition of fruits and transforming them into ceramics, he crystallizes time from a geochemical process and thus renders them inert. Thus, he takes up the still life genre, but resignifies it, with time as his coauthor.

Among the many exhibitions he has held, the following solo shows stand out: "Vale da Utopia" (2022), Instituto Artium, São Paulo; "Mr Fusion" (2018), Simões de Assis, São Paulo; "Grana Extra" (2012), Paço das Artes, São Paulo and "m²" (2011), Programa de Exposições CCSP, São Paulo. He also participated in several group exhibitions: "Panta Rei" (2021), Galeria Anna Marra, Rome; "A Luta Continua" (2018), The Sylvio Perlstien Collection, Hauser & Wirth, New York; "Window Project" (2017), Spazio 22, Milan and "O Elogio da Vertigem" (2012), Maison Européenne de la Photographie, Paris. He has works in the collections of MAR, Rio de Janeiro; Coleção Itaú Cultural de Fotografia, São Paulo; Coleção José Olympio, São Paulo; Kadist Art Foundation, Paris; and MON, Curitiba. In 2012, he was part of Programa Rumos Itaú Cultural and, in 2013, he received the Itamaraty Contemporary Art Award. He was nominated for the Pipa Award in 2011 and 2012, and also participated in the Vermont Studio Center Residency, in the United States, in 2016.

SIMÕES DE ASSIS

Balneário Camboriú

3ª avenida, esquina c/ 3.150, sala 04
88330-260 sc brasil
+55 47 3224-4676

São Paulo | Casa Gerassi

rua dr. carlos norberto de souza aranha, 409
05450-011 sp brasil
+55 11 3062-8980

Curitiba

al. carlos de carvalho 2173a
80730-200 pr brasil
+55 41 3232-2315